

# Homoine: o maior massacre da Renamo



□ O massacre de Homoine cometido pelos bandos da Renamo na madrugada de 18 de Julho último entrará na história de Moçambique como uma das maiores chacinas de sempre, emparceirando com o ocorrido em Wiriamu, na região do Tete, quando o exército colonial português assassinou 500 pessoas e com os 600 mortos de Vanduzi, na região de Manica, causados por tropas rodesianas de Ian Smith.

Pelo menos 424 pessoas foram chacinadas pelos terroristas em Homoine, povoação localizada a 60km da cidade costeira de Inhambane e que dista 400km de Maputo. Foi o maior massacre da Renamo, na já longa história sangrenta dessa organização criada pelos racistas rodesianos e que, após a independência do Zimbábue, é dirigida, armada e financiada pelo regime do *apartheid* contra Moçambique.

Em comunicado dirigido à comunidade internacional, dias depois do massacre, o governo moçambicano revelou que os bandos da Renamo raptaram dezenas de pessoas que foram assassinando na retirada, encontrando-se entre as vítimas numerosas crianças, mulheres grávidas e velhos. Todos os doentes internados no hospital dessa povoação de cinco mil habitantes foram mortos com arma branca.

Segundo testemunhos recolhidos pelo correspondente da agência de notícias portuguesa "Lusa", Augusto de Carvalho, o fotógrafo da AIM (Agência de Informação de Moçambique), Sérgio Santimano – o primeiro

jornalista a chegar ao local após a tragédia – disse que "os bandidos mataram no hospital, pelo menos, 80 pessoas, a maioria mulheres e crianças de colo". "Disseram-me – acrescentou Santimano – que, depois do massacre, fora do hospital, estava uma mulher morta e uma criança, de leite, tentando mamar nos seios da mãe".

O engenheiro agrônomo norte-americano Mark van Koeving, que trabalha num projeto de produção de sementes em Homoine, presenciou parte do ataque da Renamo até conseguir esconder-se com outras pessoas numa dependência do hotel onde residia.

Para essa testemunha ocular, citada pelo jornalista da "Lusa", os terroristas dispunham de equipamentos novos, o que vem ao encontro das recentes denúncias do governo moçambicano, segundo as quais os pára-quadras de carga capturados semanas antes na província de Inhambane, serviram para lançamentos de material de guerra enviado à Renamo pelos sul-africanos. As autoridades de Maputo também tinham assinalado infiltrações maciças de bandos da Renamo vindos do país vizinho e que penetraram em Moçambique através da província de Gaza, região que separa o território sul-africano da província de Inhambane.

Outras testemunhas do massacre, entre as quais um comerciante português, dois engenheiros italianos e membros das forças de segurança moçambicanas (que travaram um combate de dez horas com a Renamo

até esgotaram as munições), relataram outros episódios do trágico acontecimento. Um miliciano que participava numa cerimónia fúnebre quando surgiram os atacantes contou. "Mandaram sair todas as pessoas e fuzilaram-nas". Todos são unânimes em salientar que "os bandidos não vieram para conquistar posições mas para semear o terror, matando todos que lhes apareciam pela frente: homens, velhos, mulheres e crianças".

Entre as manifestações de repulsa pelo massacre de Homoine provenientes de várias capitais, uma fonte do governo moçambicano relatou ao correspondente da "Lusa" a condenação que teria sido expressa ao porta-voz da Renamo em Washington por um funcionário do Departamento de Estado norte-americano. Apesar da Renamo não ser oficialmente reconhecida pela administração Reagan, esta mantém contatos permanentes com a organização terrorista, classificada pelo senador Jesse Helms (membro do *lobby* da Renamo nos Estados Unidos) de "movimento democrático que luta para libertar o povo". Esses contatos foram recentemente confirmados pelo secretário de Estado para Assuntos Africanos, Chester Crocker, em entrevista direta à televisão portuguesa.

"Para os sul-africanos, matar um preto é o mesmo que matar um cão", afirmou o primeiro-ministro moçambicano Mário Machungo durante o funeral das 424 vítimas de Homoine.

Por sua vez, o presidente Joaquim Chissano declarou à imprensa na sua viagem para a reunião de cúpula dos Países da Linha de Frente, em Lusaka, que Moçambique tinha certeza da participação ativa de Pretória no massacre. Refutando as afirmações do ministro das Relações Exteriores sul-africano, Roelof "Pik" Botha, que negou qualquer envolvimento do seu governo na operação terrorista, Joaquim Chissano foi categórico: "Nós não *pensamos*, sabemos quem o fez: foram os sul-africanos".

Carlos Pinto Santos